

RELATÓRIO DO PROJETO

DIÁLOGOS

INTER-RACIAIS

ANO 2024



NEABI Núcleo de Estudos
Afro-brasileiros e Indígenas



INSTITUTO FEDERAL
Paraná
Campus Curitiba

INSTITUTO
AURORA



BICENTENÁRIO DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS
BRASIL - ESTADOS UNIDOS
1824 - 2024



Do projeto

REALIZAÇÃO:

Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba

COORDENADORAS DO PROJETO:

Michele Bravos e Patrícia Meyer

Equipe do projeto 2024:

Thais Bonato Gomes

(consultora de conteúdo e práticas pedagógicas, facilitadora, relatora e apresentadora do podcast)

Ester Athanásio

(proponente para o financiamento, apresentadora do podcast e revisora do guia)

André Bakker da Silveira

(revisor do guia)

Adriana Pellanda Gagno e Cassia Cristina Moretto da Silva

(colaboradoras)

Kath Xapi Puri

(diagramadora e designer gráfica)

Mayumi Maciel

(gestora de comunicação)

Do relatório

AUTORA:

Thais Bonato Gomes

REVISORA:

Michele Bravos

DIAGRAMADORA:

Kath Xapi Puri



SUMÁRIO

CARTA DE ABERTURA	4
APRESENTAÇÃO DESTE RELATÓRIO	6
SOBRE O PROJETO	7
RESULTADOS E IMPACTO	16
DESAFIOS E APRENDIZADOS	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
PRÓXIMOS PASSOS	31
AGRADECIMENTOS	34

CARTA DE ABERTURA

A edição 2024 do Diálogos Inter-raciais foi marcada por primeiras vezes: foi a primeira vez que realizamos uma edição com turmas simultâneas — e em regiões em que o projeto ainda não havia chegado, foi a primeira vez que pudemos ter alguém com dedicação exclusiva para a edição, foi a primeira vez que gravamos um podcast sobre o tema das questões étnico-raciais, foi a primeira vez que, no âmbito do Diálogos Inter-racias, consolidamos nossos conhecimentos em um material pedagógico para o tema.

Não posso deixar de mencionar a equipe executora do projeto, 100% composta por mulheres, de diferentes autodeclarações raciais: branca, negra, indígena, amarela. Esse sempre foi um cuidado do projeto, desde sua primeira edição em 2020, e não foi diferente desta vez. A diversidade, além de enriquecer as trocas para a construção de conhecimento, demonstra a nossa busca por coesão, por uma educação em direitos humanos que seja pensada de modo plural para um público plural.

O apoio financeiro recebido pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil contribuiu para os avanços alcançados nessa edição, demonstrando o quanto efetivo é o aporte de recursos em projetos de pequeno porte, mas que possuem um histórico e comprometimento necessários para serem alavancados, como era o caso do Diálogos Inter-raciais.

Tendo sido um momento marcado de tantas primeiras vezes, como já dito, ele foi também marcado pela realização de sonhos! Eu, como coordenadora do projeto, juntamente com a minha parceira de coordenação, profa. Patrícia Meyer, do Instituto Federal do Paraná, que acolhe o Diálogos Inter-raciais como projeto de extensão, sonhávamos em vê-lo ser ampliado, chegar em mais lugares, em mais pessoas. E isso aconteceu!

A edição 2024 do Diálogos Inter-raciais foi um marco em sua história e é isso que apresentamos aqui neste relatório, que buscou coletar informações de modo quantitativo e qualitativo. Thais Bonato Gomes, consultora para o Diálogos Inter-raciais e responsável pela organização desse material, não mediou esforços nem cuidado para realizar uma escuta atenta aos participantes em busca de compreender os resultados e impactos que deixamos.

Desejo que este relatório, mais do que um registro de avaliação e prestação de contas, seja uma inspiração para outras pessoas, organizações, instituições de ensino e financiadores, mostrando a potência do trabalho multissetorial e, também, as mudanças sociais que o letramento racial, ancorado na educação em direitos humanos e seus princípios, é capaz de fazer acontecer.

*Com amor, Michele Bravos,
diretora-executiva do Instituto Aurora*

APRESENTAÇÃO DESTE RELATÓRIO

Este relatório foi elaborado como o objetivo de sistematizar os resultados e impacto da edição 2024 do Projeto Diálogos Inter-raciais, valorizando os processos de escuta, diálogo e construção coletiva que fundamentam a proposta desde sua origem. Compreendendo a avaliação como parte integrante do ciclo pedagógico e ético do projeto, optamos por metodologias quantitativas e qualitativas que permitissem registrar o alcance da edição em números, mas também em percepções, afetos, aprendizados e sugestões das pessoas que vivenciaram as rodas de conversa.

Consideramos coerente aplicar os mesmos princípios de escuta ativa e diálogo também na produção deste relatório, em um exercício de alinhamento com a própria proposta formativa do projeto. Escutar, nesse contexto, não é apenas um ato inicial, mas um compromisso que se estende à forma como os dados são analisados, apresentados e transformados em aprendizado institucional.

Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individualmente, com algumas das participantes das turmas online de 2024. As entrevistas, realizadas cinco meses após o término das atividades, buscaram captar, em profundidade, os impactos subjetivos e

políticos do projeto, bem como os significados atribuídos às experiências vividas. Participaram dessa etapa pessoas de diferentes regiões do país, o que permitiu captar uma diversidade de trajetórias, repertórios e contextos.

Já, em uma perspectiva de avaliação quantitativa e qualitativa, seis meses após o término da atividade, foi aplicado um questionário de avaliação (anexo a este relatório), estruturado com base na escala Likert, instrumento amplamente utilizado em pesquisas de satisfação para mensurar opiniões, percepções e atitudes. O questionário contemplou perguntas objetivas e questões abertas, permitindo que as pessoas participantes compartilhassem suas impressões de forma mais livre e espontânea. O intuito desta etapa foi centralizar as vozes e experiências das pessoas que participaram das rodas de conversa, buscando compreender os acertos, desafios e lacunas do processo formativo.

Essa escuta sistematizada — seja literal, por meio das entrevistas, ou simbólica, por meio de questionários —, oferece elementos fundamentais para o aprimoramento e a expansão futura do projeto, mantendo o compromisso com uma educação antirracista, plural e sensível às realidades diversas que compõem o Brasil.

SOBRE O PROJETO

Contextualização do Instituto Aurora e do Projeto Diálogos Inter-Raciais

O Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos é uma organização comprometida com a defesa e a promoção da educação em Direitos Humanos (EDH), atuando na promoção da justiça social, da diversidade e da cultura de paz por meio de pesquisa e ações de incidência política, bem como projetos educativos, com foco na transformação social. O Projeto Diálogos Inter-raciais é uma de suas iniciativas centrais, voltada à criação de espaços formativos e sensíveis para a escuta, o diálogo e a construção coletiva sobre as relações raciais no Brasil.

O projeto nasceu em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba, em um contexto de maior visibilidade pública para as pautas antirracistas, impulsionado pelo assassinato de George Floyd e o fortalecimento internacional do movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam, em tradução livre). A proposta surge, então, como uma resposta à necessidade urgente de promover diálogos que não apenas acolhessem as vozes negras e indígenas, mas também interpelassem a população branca e a convocasse à responsabilidade antirracista.

Inspirado nos escritos de bell hooks¹— sobretudo na obra *Ensinando a Transgredir*— e ancorado na metodologia dos Círculos de Construção

¹ A grafia da autora “bell hooks”, em letras minúsculas, “é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa” (FGV, 2021).

FGV. **O vazio deixado pelas referências que se vão** – Ou: perdemos bell hooks. Notícias, FGV Direito Rio, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://direitorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell-hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20não%20em%20sua%20pessoa>. Acesso em: set. 2024

de Paz, o projeto promove rodas de conversa que são integradas por arte, escuta, vivências, memórias e educação em direitos humanos antirracista. Os objetivos do Diálogos Inter-raciais são múltiplos, entre os quais se destacam:

- Criar um espaço seguro e horizontal de escuta e partilha inter-racial;
- Valorizar as identidades, histórias e culturas negras e dos povos originários;
- Estimular o debate sobre empoderamento, representatividade, racismo estrutural e branquitude.

Desde sua primeira edição, em 2020, o projeto vem se ampliando. Foram realizadas rodas de conversa em formato presencial e remoto, além de grupos de estudos voltados à formação docente. Entre os temas abordados nos encontros estão: autoidentificação racial, ancestralidade, narrativas históricas, relações inter-raciais, escrevivências² e lugar de fala. Cada encontro tem duração média de 2 horas e contempla educadores(as), estudantes, servidores(as) públicos e comunidade externa, especialmente nas primeiras edições vinculadas ao IFPR.

Em 2024, o projeto alcançou uma nova dimensão graças ao apoio do Fundo de Financiamento Alumni – Bicentenário das Relações EUA-Brasil, da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil. Este financiamento possibilitou não apenas a expansão territorial das rodas de conversa, com três turmas³ realizadas de forma remota e simultânea para pessoas de todo país, sobretudo das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também a produção de materiais complementares, como o *Guia para rodas de conversa* (em formato e-book) e a criação de um podcast com temáticas abordadas durante os encontros, com convidadas(os) especialistas nos temas, ampliando o acesso e os efeitos das formações para além do tempo-espacô do evento síncrono.

² Termo cunhado por Conceição Evaristo (2007), que reúne o léxico “escrever” e “vivências”, poeticamente inspirado nas Mâes Pretas, as quais tinham a tarefa de ninhar os filhos de escravistas, que apesar dos cuidados, não deixavam de renunciar aos privilégios oriundos da escravidão. A autora realiza a reflexão sobre a potência das mulheres negras escreverem sobre si, como um ato de contraposição à ideia colonial de que suas vozes eram válidas apenas num contexto de servidão.

³ Intencionalmente, as turmas foram organizadas de modo a contemplar diversidade racial, de gênero e regional.

Metodologia

As rodas de conversa são encontros estruturados em um formato de Círculos de Diálogo, inspirados nos *Círculos de Construção de Paz* de Kay Pranis e nos *Círculos de Cultura* de Paulo Freire. Os *Círculos de Construção de Paz*, sistematizados por Kay Pranis, inspirados nas práticas de povos indígenas para resolução de conflitos e transmissão de conhecimento, valorizam a oralidade e a partilha coletiva. Já os *Círculos de Cultura* de Paulo Freire, defendem a horizontalidade na relação entre educadores(as) e educandos(as), promovendo o diálogo e a valorização das experiências vividas pelos participantes. A metodologia conta com estratégias de facilitação e envolvimento dos participantes, tais como:

- **Escuta ativa:** Os(As) facilitadores(as) promovem um ambiente de acolhimento, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.
- **Uso de disparadores pedagógicos:** Arte negra e indígena, filmes, músicas e literatura são utilizados como elementos disparadores de reflexão.
- **Validação das experiências:** Os relatos pessoais são valorizados como fontes de conhecimento e compreensão coletiva.
- **Criação de materiais complementares:** A produção de um guia de rodas de conversa e de um podcast reforça o aprendizado e amplia o impacto do projeto.

O público-alvo prioritário do projeto, até então, foram professores(as) do ensino básico, por se entender que a escola é um espaço estratégico para a promoção de uma educação antirracista e para a multiplicação de saberes sobre direitos humanos. No entanto, nas edições anteriores, por se tratar de um projeto de extensão vinculado ao IFPR, o Diálogos Inter-raciais também foi amplamente divulgado à comunidade acadêmica e externa, acolhendo educadores(as) de diferentes níveis, estudantes, servidores(as) públicos(as), ativistas e demais interessados(as) no enfrentamento ao racismo estrutural. Essa diversidade de participantes ampliou a potência formativa das rodas de conversa, permitindo a circulação de experiências plurais e fortalecendo a rede de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Diversidade regional

A edição de 2024 foi marcada por um expressivo aumento na diversidade regional entre participantes. Com o financiamento da Embaixada dos EUA, foram abertas 90 vagas, distribuídas em três turmas online, priorizando educadoras(es) das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte do Brasil. O projeto alcançou um total de 353 inscrições, demonstrando a alta demanda por formações antirracistas em diferentes territórios do país. A seleção inicial contemplou 108 pessoas (36 por turma), prevendo possíveis desistências ao longo do percurso. As formações mantiveram a qualidade metodológica das edições anteriores, e o formato remoto permitiu a inclusão de participantes de municípios interioranos, distantes dos grandes centros urbanos, garantindo maior equidade de acesso à formação.

Esse recorte territorial ampliado reforçou a potência dos Diálogos Inter-raciais como estratégia de formação em direitos humanos em regiões historicamente negligenciadas por políticas de formação continuada e de educação antirracista. O compartilhamento de vivências regionais distintas enriqueceu os encontros e demonstrou a eficácia da metodologia na articulação entre experiências individuais e construção coletiva do saber.

Produtos das Rodas de Conversa

Além das rodas de conversa, o projeto incluiu a produção de materiais educativos para ampliar seu impacto e permitir que os aprendizados fossem compartilhados com um público mais amplo. Com objetivo de expandir o impacto da iniciativa, os encontros de formação resultaram na produção de um material didático que serve de apoio para futuros(as) multiplicadores(as) e uma série de podcast.

GUIA PARA RODAS DE CONVERSA

O *Guia para Rodas de Conversa* é um material educativo voltado para a facilitação de diálogos sobre relações inter-raciais no Brasil. Estruturado em quatro encontros temáticos — identidade racial, ancestralidade, lugar de fala e relacionamentos inter-raciais —, o

guia propõe reflexões coletivas por meio de metodologias participativas, inspiradas no modelo dos Círculos de Diálogo, derivado das práticas restaurativas. Utilizando música, poesia e obras de arte como pontos de partida, cada roda de conversa promove um espaço acolhedor para a troca de experiências, sendo a arte o disparador para esses debates.

Escolhendo as artes que compõem o projeto

por Thais Bonato Gomes, consultora de conteúdo e práticas pedagógicas para o projeto Diálogos Inter-raciais

A partir de roteiros já aplicados em edições anteriores, os quais contavam com referências artísticas selecionadas pelas coordenadoras do projeto e estudantes do IFPR, tive a liberdade para repensar algumas escolhas, visando atualizar o projeto e torná-lo ainda mais robusto. Realizei a curadoria artística do projeto com o intuito de reunir expressões artísticas de diferentes regiões do país, dando prioridade a obras de artistas negras/os e indígenas que apresentassem uma perspectiva crítica à colonização, ao racismo e às múltiplas formas interseccionadas de vulnerabilização e discriminação — como as de raça, classe e gênero. Ao mesmo tempo, busquei destacar produções que promovessem empoderamento, autoidentificação e pertencimento.

Esses roteiros guiaram as rodas de conversa aplicadas nas três turmas online de 2024. Para além das artes visuais, incluí também obras literárias, textos teóricos e clipes musicais, especialmente nos momentos que chamamos de “chegança” e “saideira” — aberturas e encerramentos dos encontros —, além das “rodadas” de discussão. Pensando na fluidez, na possibilidade de transformação e na replicabilidade do projeto conforme o território e o público-alvo, indiquei ainda referências complementares, oferecendo caminhos para que as pessoas mediadoras pudessem adaptar os conteúdos aos seus próprios contextos e abordagens.

Utilizei obras artísticas amplamente difundidas em espaços de debate racial, como A Redenção de Cam, de Modesto Brocos, e A Primeira Missa no Brasil, de Victor Meirelles, assim como as imagens representativas de desigualdades raciais e sociais no Brasil, com as

fotografias dos ministros do Supremo Tribunal Federal e do concurso para gari. Essas imagens serviram para refletir criticamente sobre os projetos de embranquecimento e a romantização da colonização no imaginário brasileiro, assim como, os papéis sociais oriundos da colonização, que reverberam até hoje.

Para além dessas representações, também procurei realizar uma curadoria fora do mainstream, buscando por artistas menos conhecidas(os) e/ou fora do eixo sudestino, atravessada por minha localização geográfica desde o sul do país e da recente viagem que eu havia realizado a Belém do Pará, tocada por tudo o que vivenciei no outro extremo do Brasil. Com relação ao norte, a participação de pessoas como Victória foram imprescindíveis para a versão final do Guia, havendo a inclusão de temáticas como o Carimbó.

Também sugeri obras de arte que dialogassem com teorias que tive contato durante o Doutorado em Direito, como por exemplo, as ilustrações de Goya Lopes, relacionadas ao conceito de Escrevivência da Conceição Evaristo. Ou as obras de Rosana Paulino para discutir criticamente a colonização/colonialidades. Em cada encontro, buscava apresentar expressões diversas: da literatura de Conceição Evaristo ao clipe AmarElo de Emicida; da crítica visual de Adriana Varejão às intervenções de Denilson Baniwa e Yhuri Cruz.

A curadoria artística da 6ª edição do projeto Diálogos Inter-raciais foi concebida como um gesto político-pedagógico que entrelaça arte, memória e crítica social. Ao reunir expressões visuais, literárias e musicais de diferentes regiões do Brasil — com ênfase em produções de artistas negras, negros e indígenas —, a proposta buscou provocar reflexões profundas sobre colonização, racismo, desigualdades e pertencimento, sem abrir mão da sensibilidade e da beleza que atravessam essas linguagens. As rodas de conversa funcionaram como espaços privilegiados para experimentar a potência dessa curadoria, sendo possível vivenciar, na prática, a receptividade e os efeitos diversos que cada obra pode provocar.

Nenhuma turma foi igual à outra: os debates se desenrolaram de maneira única, a partir das experiências, sensibilidades e inquietações do grupo. Isso evidenciou não apenas a riqueza das artes selecionadas, mas também a importância da condução sensível e da capacidade de adaptação das pessoas mediadoras, que moldaram cada

encontro de acordo com as trocas que surgiam. Assim, mais do que oferecer conteúdos prontos, a curadoria reafirmou a proposta do projeto como uma travessia aberta, situada e coletiva — em que as artes não apenas ilustram, mas provocam, movem e transformam.

Além das indicações visuais e sonoras, os roteiros tinham o objetivo de servir como disparadores de escuta sensível e autorreflexão, respeitando o contexto do grupo. E foi justamente no desejo de ampliar esses diálogos para além dos encontros síncronos que surgiu o podcast. A proposta foi transformar parte dessas provocações, referências e escutas em episódios acessíveis, para que continuássemos construindo narrativas, mesmo à distância. O podcast se tornou, então, uma extensão das rodas de conversa: um espaço para continuar falando — e ouvindo — sobre justiça racial.

PODCAST

O Podcast Diálogos Inter-raciais é composto por quatro episódios, e apresentado por Ester Athanásio e Thais Bonato Gomes. Os episódios estão disponíveis no YouTube e Spotify, podendo ser encontrados por meio da busca por “Diálogos Inter-raciais”.

Episódio 1: Identidades: Heranças do Colonialismo

Este episódio aborda a importância da educação antirracista na promoção da igualdade racial no Brasil. Discute como a história da colonização influenciou a formação das identidades raciais no país e explora os impactos dessas heranças coloniais nas dinâmicas sociais contemporâneas. A convidada é Maybel Sulamita, historiadora e curadora, doutora em História e especialista em Relações Étnico-Raciais. Segundo ela, *“A colonização não apenas impôs uma estrutura de poder, mas também moldou as subjetividades e identidades dos povos colonizados”*. Dessa forma, o episódio evidencia como a educação antirracista é fundamental para compreender e enfrentar os legados da colonização que ainda estruturam a sociedade brasileira. Ao discutir as formas pelas quais a colonização moldou identidades e subjetividades, a conversa convida à revisão crítica da história oficial e à valorização de narrativas plurais como caminho para a promoção da igualdade racial e da justiça social.

Episódio 2: Ancestralidade e Apagamento Histórico

Neste episódio, é discutida a disparidade no acesso às informações sobre ancestralidade entre pessoas brancas e as pertencentes a grupos negros e indígenas no Brasil. Aborda-se como o apagamento histórico afeta a compreensão da identidade e a valorização das raízes culturais dessas comunidades. O convidado é Beto Marubo, líder indígena da etnia Marubo e ativista pelos direitos dos povos indígenas. Segundo ele, *“A ausência de registros históricos sobre nossos povos é uma forma de nos silenciar e nos invisibilizar na própria terra que sempre habitamos”*. Logo, há uma urgência de combater o apagamento histórico e promover o acesso à memória e à ancestralidade, especialmente entre povos indígenas e negros. O episódio convida à valorização dos saberes originários e à reconstrução de uma história que reconheça a pluralidade de vozes e experiências que compõem o Brasil.

Episódio 3: Narrativas: Lugar de Fala e Silenciamento

Este episódio propõe uma reflexão profunda sobre quem tem narrado a história do Brasil e quais vozes foram historicamente silenciadas nesse processo. As convidadas, Ariene Wapichana, jornalista e defensora da comunicação indígena, e Silvia Silva, mestra em Psicologia Social e educadora corporativa em diversidade e letramento antirracista, analisam os efeitos da exclusão de narrativas negras e indígenas dos espaços de poder e comunicação. Dentre os temas centrais do episódio, destacam-se: A urgência de romper com o monopólio da branquitude sobre a produção de conhecimento e informação; o conceito de lugar de fala como ponto de partida para o reconhecimento de experiências situadas e múltiplas; o papel das pessoas brancas na luta antirracista, incluindo a importância de se reconhecerem como racializadas.

Como afirmou Ariene Wapichana: *“As pessoas não querem reconhecer que o Brasil nasceu do genocídio indígena. E ao tentar esquecer esse passado, também se recusam a reconhecer que os povos indígenas ainda existem, resistem e têm direito ao que é seu por origem”*. Para Silvia Silva, *“As pessoas brancas precisam se racializar. brancos são só mais um grupo humano. O problema é que, historicamente, foram tratados como referência de humanidade — e isso precisa acabar”*.

O episódio evidencia como as narrativas dominantes ainda operam sob lógicas coloniais, excluindo e estereotipando vozes negras e indígenas. Ao propor o deslocamento do “lugar de fala” para o “lugar de ação”, as convidadas apontam caminhos para uma transformação concreta, que passa pela escuta ativa, pela descentralização da branquitude e pelo compromisso coletivo com a justiça racial.

Episódio 4: Relações Inter-raciais e Racismo Estrutural

O episódio final da série propõe uma análise crítica sobre quem ocupa os espaços de poder e decisão no Brasil, evidenciando como o racismo estrutural molda as oportunidades e os acessos em diferentes esferas da sociedade. A convidada é Carol Dartora, historiadora, professora e a primeira mulher negra eleita deputada federal pelo Paraná — cuja trajetória política inspira reflexões sobre representatividade, enfrentamento das estruturas racistas e o papel da negritude nos espaços institucionais. Entre os principais temas abordados, destacam-se: a exclusão histórica de pessoas negras dos espaços de liderança e visibilidade pública; as relações afetivas e sociais atravessadas pelo racismo, especialmente na perspectiva das mulheres negras; a necessidade de romper com o ideal da branquitude como norma de humanidade e promover uma redistribuição de poder efetiva.

Em uma fala marcante, Carol Dartora afirma: *“A gente precisa ter coragem para romper com a estrutura. E isso significa abrir mão de privilégios, de silêncios, e se posicionar mesmo quando o ambiente não é seguro”*. O episódio encerra a série com uma convocação à ação. Ao trazer a experiência de uma mulher negra que ocupa um espaço historicamente negado, o diálogo revela os desafios cotidianos da representatividade, mas também aponta caminhos possíveis para a transformação das estruturas de poder. Reforça, assim, que a luta antirracista precisa ser coletiva, interseccional e comprometida com mudanças reais.

RESULTADOS E IMPACTO

Avaliação por questionário

Como parte da sistematização e avaliação do Projeto Diálogos Interciais, desenvolvemos um questionário de avaliação que vincula os resultados do projeto ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4, da Agenda 2030 das Nações Unidas, o qual visa uma educação “inclusiva, equitativa e de qualidade”. Tendo por base a meta 4.7⁴, que trata da promoção de uma educação voltada para os direitos humanos, equidade de gênero, cultura de paz e valorização da diversidade cultural, elaboramos um questionário que alinha parâmetros qualitativos para verificar as práticas educacionais alinhadas a esses princípios, oferecendo uma base para medir os impactos e orientar melhorias⁵.

O formulário aplicado nesta edição do projeto foi estruturado com base em quatro dimensões centrais para medir os impactos vinculados à meta ODS 4.7: 1) Ambiente de aprendizagem – se o espaço foi seguro, inclusivo e respeitoso. 2) Abordagens metodológicas participativas e sensíveis – se os métodos promoveram escuta ativa, engajamento e reflexão. 3) Conteúdos voltados à justiça social, racial e aos direitos humanos – se os temas foram compreensíveis,

4 “Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável. Fonte: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods4.html>.

5 Formulário inspirado na ferramenta de monitoramento da Educação em Direitos Humanos vinculada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4.7 (ODS 4.7), promovida pelo Instituto Dinamarquês de Direitos Humanos — Danish Institute for Human Rights (Human Rights Education Monitoring Tool). Ferramenta internacional que demonstra uma boa prática de monitoramento do ODS de educação disponível em: <https://sdg47-hre.humanrights.dk/>.

acessíveis e provocadores. 4) Impacto na vida pessoal e profissional dos participantes – se os aprendizados foram significativos e levados para outros espaços.

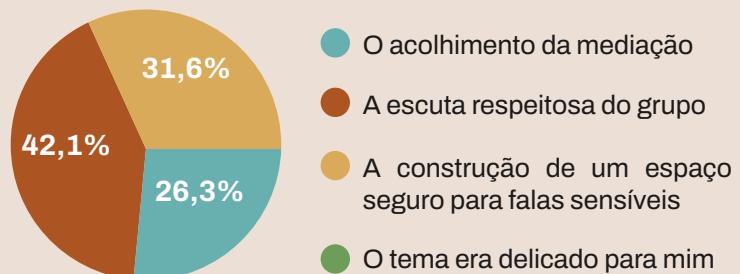
Além de questões objetivas, o formulário também contemplou perguntas abertas que buscaram captar percepções, afetos, memórias ativadas, ressignificações e continuidades a partir da experiência vivida nas rodas de conversa. Essa combinação de dados quantitativos e qualitativos permitiu avaliar tanto a dimensão cognitiva quanto a emocional e relacional do processo educativo. Esse instrumento, portanto, não se limita a um procedimento de encerramento, mas se consolida como parte essencial do ciclo pedagógico e político do projeto, evidenciando a escuta ativa como um compromisso ético e metodológico. Cerca de seis meses após a realização do curso, aplicamos os formulários, a fim de observar o que de fato impactou as pessoas que participaram das rodas. Obtivemos 19 respostas aos questionários aplicados.

Ambiente de aprendizagem

Todos os participantes (100%) afirmaram ter se sentido acolhidos e respeitados durante os encontros, o que demonstra o êxito na criação de um espaço de confiança e escuta. Quando questionados sobre como perceberam o ambiente geral das rodas de conversa, 94,7% descreveram como “muito acolhedor e respeitoso”, e 10,5% consideraram que, embora acolhedor, houve alguns momentos difíceis.

Entre os fatores que mais contribuíram para o conforto nas discussões destacaram-se: a escuta respeitosa do grupo (42,1%), a construção de um espaço seguro para falas sensíveis (31,6%) e o acolhimento da mediação (26,3%).

O QUE CONTRIBUIU PARA QUE VOCÊ SE SENTISSE (OU NÃO) À VONTADE NAS DISCUSSÕES? (19 respostas)



Abordagens metodológicas

A totalidade das pessoas avaliou positivamente a dimensão metodológica do projeto. O uso de expressões artísticas – como música, poesia e artes visuais – foi reconhecido por 100% das pessoas como facilitador da participação e da reflexão crítica. 94,7% afirmaram que o formato das atividades estimulou pensamento crítico e criativo, 5,3% avaliaram como positivo, mas parcialmente estimulante. A liberdade para se expressar foi amplamente reconhecida: 94,7% disseram ter se sentido “muito livres” para compartilhar suas opiniões, mesmo que divergentes da maioria, e os demais (10,5%) disseram ter se sentido livres “em parte”. Esses dados confirmam a eficácia das abordagens sensíveis e dialógicas adotadas pelo projeto, promovendo engajamento e autonomia discursiva.

Conteúdos voltados aos direitos humanos, justiça racial e identidade

Em relação aos conteúdos formativos, 94,7% das pessoas responderam positivamente quanto à abordagem acessível, respeitosa e provocadora dos temas. Em parte, 5,3%. Nas respostas abertas, destacaram-se os seguintes assuntos como mais impactantes: slam; branquitude e racismo estrutural; respeito à identidade e pontos em comum no território nacional; educação antirracista; relacionamentos; auto-identificação racial; e o uso da arte na docência.

Ao serem indagados acerca de memórias, experiências ou sentimentos adormecidos, as pessoas que se sentiram confortáveis para responder, a maioria indicou a temática da ancestralidade como a mais tocante. Além disso, comentaram sobre o pertencimento racial, nossas histórias de vida e o papel das mães e mulheres, rememorando a abordagem sobre as amas de leite e apontando para um olhar mais acolhedor para quem sofre o racismo. Outro indicativo de mudança de pensamento, foi o reconhecimento de que é preciso evitar o desrespeito às diferenças e a importância de reconhecer a branquitude. Também foi elogiado o esforço de provocar o deslocamento de epistemologias. Um dos relatos foi bastante pessoal: a pessoa contou um pouco da sua história de auto-identificação racial através da formação e lembrou algumas situações de racismo que passou por conta dos cabelos cacheados e do fenótipo negróide, apesar do seu tom de

pele mais claro, pardo. O conteúdo foi, portanto, compreendido não apenas como informativo, mas como transformador.

Impacto e continuidade

As respostas revelam que o projeto gerou efeitos concretos na atuação profissional e nos vínculos afetivos das pessoas participantes. A maioria das pessoas afirmou ter compartilhado saberes e reflexões em outros contextos, como: roda de amigos, formação de professores(as), colegas de trabalho, sala de aula com alunos(as), pós-graduação e grupos de pesquisa. Houve reaplicação direta de metodologias e conteúdos, inclusive com menção ao uso da carta de Gloria Anzaldúa em leitura coletiva.

Os principais impactos destacados foram: maior consciência sobre relações inter-raciais e justiça social (63,2%), fortalecimento da identidade e ancestralidade (15,8%), ferramentas e referências para aplicar na área de atuação (10,5%), rede de pessoas interessadas na temática e laços afetivos (5,3%) e desenvolvimento da escuta e do diálogo empático (5,3%).

O QUE VOCÊ LEVA DESTA EXPERIÊNCIA PARA SUA VIDA PESSOAL E/OU PROFISSIONAL? (19 respostas)



Ademais, 100% das pessoas responderam que gostariam de participar de futuras edições e recomendariam o projeto a outras pessoas. Por fim, deixamos um espaço livre para comentários e sugestões, o que revelou uma avaliação amplamente positiva da experiência vivida pelos/as participantes. Muitas pessoas destacaram a escuta sensível e o espaço seguro para partilha de vivências, ressaltando a qualidade

da mediação e da equipe envolvida. O momento dedicado à ancestralidade foi apontado como especialmente marcante, provocando reflexões profundas. Também foram elogiadas a condução cuidadosa dos temas e a conexão afetiva que se formou entre as pessoas do grupo. A modalidade online foi valorizada por facilitar a participação diversa, ainda que tenha havido o desejo de encontros presenciais. Como sugestão, foi mencionada a importância de aprofundar as discussões sobre interseccionalidades. De modo geral, os comentários refletem uma experiência transformadora, potente e acolhedora.

Relatos de experiências

Este trecho do relatório reúne reflexões coletadas a partir de entrevistas realizadas com participantes das turmas online do projeto em 2024. Utilizamos um roteiro de perguntas semiestruturado e adaptável ao diálogo, aplicado a um grupo focal com pessoas de diferentes regiões do país — Pará, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Ceará, Goiás e Piauí. As conversas de cerca de 1 hora por pessoa, reúnem uma série de percepções acerca de como foi vivido o projeto.

“Me veem, mas não me enxergam”

As falas das participantes revelam o quanto a escuta qualificada e o acolhimento representaram experiências transformadoras no contexto do projeto. Em um país onde corpos negros — sobretudo de mulheres retintas — são sistematicamente silenciados e invisibilizados, o espaço das rodas de conversa se tornou, para muitas pessoas, uma válvula de escape, como expressou Gessica Pereira Pinto: *“Eu me senti bem acolhida, me senti ouvida. E isso é primordial pra nós, mulheres, principalmente retintas, que tantas vezes somos silenciadas, com nossas vozes banalizadas”*.

A importância de ser escutada — apenas poder falar — apareceu de forma recorrente nas entrevistas. Como destacou a mesma participante: *“O mais importante é você se sentir ouvida. Porque não vale a pena você falar, mas ninguém te ouvir. Ninguém tem empatia por aquilo que você sente”*. A escuta, nesse sentido, foi vivida como um gesto de reconhecimento e humanidade. Foi nesse ambiente seguro que muitos se permitiram falar de dores que costumam ser

empurradas à margem: “*Eu estava muito exausta... até me escondendo um pouco. Já que querem me deixar invisível, então me deixe lá, sabe? Invisível, na margem*”.

A invisibilidade, para além do silêncio, também se manifesta nas micro-violências dos espaços institucionais: “*Às vezes eu sinto que eu sou vista, mas não vista, sabe? Eu sou invisível ao mesmo tempo. Me veem, mas não me enxergam. [...] Só é ali um corpo negro transitando pra ninguém*”, diz Géssica. Déborah Radassi, por sua vez, refletiu sobre a escuta como prática política e como presença: “*Nem tudo também é lugar de fala. É lugar de escuta também. [...] Como eu estou falando sem falar? Com o meu corpo, com os meus gestos, com a minha roupa, como eu me posiciono, até a minha respiração nos lugares que eu não sou aceita, eu também estou falando ali*”.

As falas deixam evidente que o espaço formativo promovido pelo projeto foi mais do que um curso: foi um território de reconhecimento mútuo, em que se pôde dizer, escutar e ser escutada(o). Essa escuta ativa e afetiva emergiu como um dos pilares ético-políticos da proposta: contrapondo a lógica da invisibilização e reforçando o direito de existir com dignidade.

“Foi como cavar até a água sair limpa”

As rodas de conversa proporcionaram também um profundo movimento interno de cura e fortalecimento subjetivo. Para muitas pessoas, sobretudo aquelas que vivem realidades periféricas ou marcadas por apagamentos cotidianos, o curso foi um espaço de reencontro com a própria força. Gessica Pereira Pinto expressou isso ao dizer: “*No meu bairro periférico... por que que eu vou ficar enfraquecida? Por que que eu vou me recolher? Se eu também posso fortalecer, né? É aquela questão do quilombo*”. O reconhecimento de si nas falas e vivências compartilhadas permitiu o surgimento de uma sensação de pertencimento e resistência coletiva: “*Eu pude perceber que não é só eu que estou enfrentando isso. Tem uma galera aí que enfrenta isso, mas de cabeça erguida, continua firme, forte, querendo aprender mais, querendo levar esse conhecimento também para outros*”.

A metáfora do poço que se cava até encontrar água limpa, trazida por Déborah Radassi, sintetiza poeticamente o que esse processo

representou: “*Você cava, a água sai barrenta, barrenta... até sair água limpa. E do poço saiu essa água limpa. Escureceu tanto que eu consegui enxergar o que é possível, o que é viável dentro da minha realidade*”. Esse “escurecimento” foi revelação. Revelação de outras possibilidades de existência, de fortalecimento político e emocional, de coragem para seguir adiante com mais nitidez.

Victoria Regina Farias Martins trouxe à tona o quanto o curso impactou sua maneira de se posicionar no mundo e reafirmar suas raízes: “*Foi uma reflexão sobre como eu me coloco no mundo, sobre como eu me vejo dentro desse mundo. [...] Sempre sendo muito fiel a mim, à minha vivência, a quem eu sou, da onde eu vim*”. Ela também destacou como a experiência ressoou em sua atuação profissional, especialmente no acolhimento de mulheres negras, mães e trabalhadoras, evidenciando a importância de uma escuta racializada e sensível nas práticas de cuidado.

Déborah conclui: “*Se a gente chora hoje, a lágrima desce... amanhã ela vai embora e você já consegue falar com muito mais força, com mais conhecimento, com mais entendimento, com mais coragem*”. Nesse sentido, o projeto não foi apenas um espaço de aprendizado, foi território de reconstrução emocional, de catarse política e de retomada de potência. A cura, aqui, se dá em movimento, na troca, na escuta e na lembrança de que não se está só.

“A arte diz o que o texto não alcança”

A arte foi vivida nas rodas do Projeto Diálogos Inter-raciais como ferramenta pedagógica e, sobretudo, como possibilidade de expressão das percepções sobre os temas propostos. Foi através das imagens, músicas e poesias que muitas pessoas se sentiram impactadas, reconhecidas e mais à vontade para compartilhar suas vivências. Como expressou Gessica Pereira Pinto: “*A poesia, a imagem impacta e te leva a sentir, a extraír exatamente o significado daquela mensagem. [...] Me senti representada e impactada em todas as expressões artísticas que você trouxe para nós. Isso é enriquecedor. Mais uma ferramenta para nós dialogar*”.

As imagens não serviram apenas como ilustração, mas como provocação crítica e convite à escuta. Victoria Regina Farias Martins relatou como a metodologia visual rompeu com o padrão tradicional do

ensino baseado apenas em textos: “*As imagens, principalmente as que são desenhos, são fotos artísticas, comovem muito mais. [...] Elas fazem a gente ter uma percepção mais emocionante da coisa*”.

Déborah Radassi destacou como a arte rompe com os limites da leitura formal e permite acessar dimensões profundas da memória e da crítica social: “*Nem tudo deve ser encarado à leitura. A imagem diz muito mais também. [...] Esse observar o além é um além que está dentro da gente, porque são imagens que transformam muito a nossa história*”. A potência da arte também foi sentida por Laurita de Queiroz Bomdespacho, que celebrou a desconstrução de padrões imagéticos coloniais — como na obra da família indígena apresentada no curso (“*Família Tradicional Brasileira*”, de Denise Silva — Denisenhando): “*A gente nunca traz no imagético o valor ativo. Sempre caricato. [...] Então achei bem bacana essa inversão. Porque mesmo minha avó ou minha mãe, que não leram nada sobre arte, entenderiam e trariam as interpretações delas. A arte tem esse poder de fazer os sentimentos aflorarem*”.

Ela também valorizou o contato com artistas como Adriana Varejão, cuja obra do mapa-mundi com fissuras provocou o reconhecimento de outras narrativas sobre território e memória: “*Quando a gente traz isso para a formação, ele tem uma outra pegada. Cada uma trouxe uma percepção, e são todas agregadoras*”. Patrícia Pereira de Matos (Adjoke), por sua vez, relembrou o módulo sobre ancestralidade, conectando a arte ao que chama de “oraliteratura”, à musicalidade afro-brasileira e às formas de resistência de seus antepassados: “*As nossas ancestrais lutaram com as artes. O jongo, o maracatu, o afoxé, o ato do orixá. Tudo tem arte dentro das nossas ancestralidades. [...] A arte vem para nos dar esse poder de fala*”. Nesse sentido, as rodas não utilizaram a arte como ilustração neutra, mas como força catalisadora de identidades, crítica, memória e afeto.

“Não dá pra eu guardar a informação só pra mim”

A compreensão de dialogar sobre raça e compreender o racismo como estrutura mobilizou os participantes a agir, compartilhar, formar redes e articular ideias em espaços de resistência. Victoria Regina Farias Martins expressou a urgência desse compromisso: “*Não dá pra eu guardar a informação só pra mim. Senão eu não estou transformando*

nada. [...] O nosso trabalho é servir como instrumento para que as pessoas enxerguem que já têm esses direitos”.

Victoria, estudante de Serviço Social, aplicou a dinâmica das rodas de conversa na Escola Mário Barbosa, em Belém do Pará. Ela utilizou a curadoria de artes do curso para replicar ao público do Ensino Médio do norte do país. Em sua experiência com essas(es) jovens, Victoria também pôde perceber como a arte provoca reflexões profundas sobre raça, ancestralidade e pertencimento: “*Uma aluna olhou uma imagem de alguém trançando o cabelo e disse que era uma pessoa que tinha morrido e estava cuidando da outra. Eu achei genial. Isso tem tudo a ver com ancestralidade. [...] Mesmo ausente, essa pessoa ainda está te cuidando*”.

A seguir, algumas interpretações dos/as estudantes de Belém do Pará sobre a obra “O Cuidado”, de Danielle dos Anjos (2023):



Acho que mostra uma mulher negra que está pensante, enquantando a alguma ser espiritual ao seu lado tocando no cabelo dela

163 - 3º ano



A imagem na minha interpretação aponta ser uma mulher negra fazendo trança e representa o orgulho de sua identidade como mulher negra

Diferente das reflexões que vivenciamos entre o público adulto, majoritariamente composto por educadoras/es, as juventudes trouxeram outros olhares e sensibilidades. Suas interpretações reafirmam a potência das rodas como espaços múltiplos, capazes de acolher diferentes formas de sentir, pensar e elaborar o mundo a partir das questões raciais. O projeto gera movimento, faz circular saberes, multiplica

afetos, cria alianças e reposiciona cada pessoa como agente de transformação em seus territórios.

A última edição do projeto, que teve repercussão nacional, possibilitou esses encontros e essa trama pelos direitos humanos e pelo letramento racial crítico. Como destacou Déborah Radassi, esse processo também passa por uma transformação interior: “*Quando a gente tenta entender todas essas questões raciais que nos cercam, você tem que estar estimulada a ter um certo movimento de mudança. [...] Como fazer diferente, como agir da forma correta, como me sentir íntegra*”. A formação não ofereceu respostas prontas, mas disparadores de mudança.

Nas palavras de Patrícia Pereira de Matos, que está no Ceará, essa travessia não é solitária: “*O que eu levo pra mim é saber que não estou sozinha aqui. Nós estamos fortalecidas com os irmãos e irmãs de outros estados. A gente vai agregando, é como um balé: os saberes, as estratégias, os modos de ser acolhedora*”. As redes de afeto e troca que se formaram entre participantes de diferentes regiões apontam para a potência de uma formação que reconhece as diferenças e aposta no coletivo.

Como afirma Déborah, “*a rede de apoio passa a existir quando você tem contato com pessoas de outras regiões*”. Os encontros foram um espaço de fortalecimento mútuo, no qual o enfrentamento ao racismo se dá de forma enraizada, situada e compartilhada.

Ao reunir pessoas de diferentes territórios, idades e trajetórias, o projeto reafirmou que o letramento racial crítico não é um percurso individual, mas um chamado coletivo. Cada roda, cada troca, cada silêncio escutado com atenção contribuiu para tecer uma rede viva de aprendizados e resistências. Seja no Pará ou no Ceará, as experiências partilhadas demonstram que a educação antirracista é possível — e urgente — quando sustentada por vínculos, coragem e compromisso ético com a transformação.

“Letramento racial também é para pessoas brancas”

Entre as muitas camadas das rodas de conversa, uma delas se destacou pela honestidade e pela responsabilidade compartilhada: a importância de que pessoas brancas também se engajem de forma crítica e comprometida no enfrentamento ao racismo. O depoimento de Dom Condeixa de Araújo, participante branco, homem trans, carioca que

reside no Pará, revela uma escuta ativa e o reconhecimento de que o letramento racial não é exclusivo das pessoas negras e indígenas — ao contrário, é tarefa urgente também de quem ocupa espaços historicamente privilegiados.

“Eu não sou uma pessoa iletrada, eu já vinha com alguma bagagem. Mas por conta de ser uma pessoa branca, era importante ouvir o que mais eu poderia absorver desses diálogos. [...] O que eu posso fazer particularmente por essa causa?”. Sua participação reflete um incômodo com o iletramento racial de outras pessoas brancas, especialmente daquelas que ainda confundem o crime de racismo com outros tipos de discriminação ou relativizam sua gravidade. “É muito complexo para quem é branco e iletrado dizer o que é racismo. [...] A maioria de nós não tem leitura, não tem argumento. [...] Venceremos — não sei se venceremos —, mas trabalharemos para vencer o racismo quanto mais brancos aliados tiverem. Porque a gente tem mais voz. Mais espaço”.

No entanto, ao longo dos encontros, pude perceber certo desconforto de pessoas brancas em falar em primeira pessoa, ainda que inseridas no debate antirracista e com certa bagagem na temática racial — justamente uma das prerrogativas metodológicas das rodas, que buscam deslocar o discurso universal e centrar a experiência como fonte legítima de saber. Esse desconforto não é trivial: ele expõe um traço recorrente dos discursos brancos, ainda marcados pela suposta neutralidade e pelo lugar de enunciação que historicamente se posiciona como norma.

Essa tensão entre a crítica ao racismo e a dificuldade de se implicar subjetivamente no debate revela o quanto o privilégio da branquitude também opera no campo discursivo. Ainda que se trate de um indivíduo aliado à causa antirracista, o incômodo com a exposição do “eu” pode ser lido como resquício do lugar universal de fala branco — aquele que observa, analisa, mas raramente se coloca em vulnerabilidade.

Apesar disso, Dom valoriza a proposta metodológica do curso, reconhecendo na arte e na escuta coletiva elementos mobilizadores para sua própria atuação como educador: *“Foi muito ilustrativo para mim, porque me dá um certo background. Se eu quiser replicar isso em alguma provocação, eu teria argumentos, fontes, etc.”* Sua escuta das mulheres negras, emocionadas ao longo dos encontros, reforça o que tantas vezes se silencia: o impacto de finalmente ser escutada pode ser

transformador — e é também uma forma de reparação simbólica.

Ao reconheceressa cena, Dom demonstra que a formação antirracista passa, necessariamente, por deslocamento e implicação pessoal. Assim, o letramento racial, quando assumido com responsabilidade por pessoas brancas, pode deixar de ser um campo de resistência e tornar-se um espaço de compromisso. Não se trata de “ajudar” ou “falar por”, mas de estudar, se afetar, escutar e se responsabilizar — com ética, e não com centralidade.

As experiências relatadas pelos(as) participantes das rodas de conversa revelam a potência transformadora de uma metodologia comprometida com a escuta, a coletividade e o reconhecimento das diferenças. Longe de ser uma formação linear ou neutra, o projeto foi vivido como travessia, como território de cura e partilha. Sentimentos de invisibilidade, exaustão e silenciamento foram nomeados, reconhecidos e ressignificados coletivamente. Na troca, emergiram narrativas de fortalecimento, empoderamento, letramento e compromisso ético com a transformação social. A arte, a ancestralidade e a memória foram catalisadoras desse processo.

Elas permitiram o acesso a camadas emocionais e políticas que nem sempre cabem no discurso formal. Ao mesmo tempo, a diversidade regional e os atravessamentos de raça, gênero e classe compuseram um mosaico vivo de escutas plurais, que reafirmaram a urgência de práticas pedagógicas situadas e afetivamente implicadas. Importa destacar que o letramento racial não se restringe às pessoas negras e indígenas. O relato de Dom revela como a branquitude pode ser desestabilizada, com pessoas brancas sendo aliadas e, portanto, se dispondo a pensar criticamente, aceitando a convocação para a escuta, ao estudo e à responsabilidade. Mesmo entre aliados, o incômodo com a exposição subjetiva e o apego ao lugar universal de fala demonstram como o privilégio se reproduz discursivamente. Ainda assim, quando há deslocamento sincero e comprometido, é possível construir alianças que contribuam para a desestabilização da estrutura racista. Todas essas experiências reforçam que a educação antirracista não é um produto a ser entregue, mas uma prática viva, situada, relational e inacabada. Ela se move entre corpos, memórias, territórios e afetos. E justamente por ser viva, enfrenta também limites, contradições e desafios.

Considerações sobre a avaliação

A análise dos dados obtidos por meio do questionário de avaliação, articulada às escutas realizadas nas entrevistas com participantes de diferentes regiões do país, confirma que o Projeto Diálogos Inter-raciais cumpriu com solidez seus objetivos pedagógicos, políticos e afetivos. As quatro dimensões avaliadas – ambiente de aprendizagem, metodologia, conteúdos e impacto – foram validadas não apenas por respostas quantitativas expressivamente positivas, mas sobretudo pelas narrativas que emergiram das rodas e dos depoimentos individuais.

Esses dados, somados às entrevistas em profundidade, revelam como o projeto foi vivenciado como um espaço de escuta qualificada, acolhimento e transformação, especialmente por mulheres negras, que se reconheceram em suas histórias, dores e resistências. Ao mesmo tempo, os dados do questionário mostram que esse sentimento foi amplamente compartilhado entre as pessoas participantes, que destacaram a segurança do ambiente, a liberdade para se expressar e a potência das metodologias adotadas.

Enquanto os formulários nos oferecem um retrato geral e sistematizado do impacto do projeto, as entrevistas revelam a densidade dessas experiências: o resgate da ancestralidade, a ressignificação de trajetórias, o fortalecimento de vínculos e o impulso para levar as reflexões adiante, seja em salas de aula, seja em espaços profissionais ou nas relações cotidianas. Como sintetizou uma das entrevistadas, “*o projeto gera movimento*” — ele não apenas informa, mas transforma, acolhe, mobiliza e conecta. A convergência entre os dados quantitativos e qualitativos reforça a importância de iniciativas como esta para a promoção de uma educação verdadeiramente antirracista, plural e comprometida com os Direitos Humanos, em consonância com a meta 4.7 da Agenda 2030. Ao integrar escuta, memória, formação e ação, o Diálogos Inter-raciais reafirma seu papel como tecnologia social potente para o enfrentamento das desigualdades e a construção de futuros mais justos.

DESAFIOS E APRENDIZADOS

A execução do projeto Diálogos Inter-raciais em sua edição de 2024 foi marcada por importantes aprendizados e por alguns desafios, especialmente relacionados ao formato remoto e à complexidade do tema abordado. Entre os principais desafios, destaca-se o número limitado de vagas, que dificultou a ampliação do acesso ao projeto, sobretudo em turmas com alta demanda.

Além disso, a instabilidade da conexão com a internet da facilitadora foi um entrave em certos momentos. Essa limitação evidenciou a importância de contar com pelo menos duas pessoas na facilitação, garantindo que, mesmo diante de falhas técnicas, uma delas pudesse seguir conduzindo a atividade ou administrar o envio de materiais.

O tempo das atividades, previsto em 2 horas, também precisou ser ajustado. Em turmas mais participativas, tornou-se necessário limitar o número de falas por participante para garantir que mais pessoas pudessem se expressar e que os encontros não ultrapassassem o tempo previsto.

Outro ponto sensível foi a condução de conversas com pessoas brancas que, por vezes, se colocavam na defensiva, levando reflexões críticas ao campo pessoal ou mesmo questionando a existência do racismo estrutural por meio de argumentos como o suposto “racismo reverso”. Esses momentos exigiram preparo, sensibilidade e firmeza das equipes de mediação. Diante dessas barreiras, o projeto lançou mão de estratégias de superação centradas no diálogo, na escuta ativa e no respeito, como princípios metodológicos para contornar conflitos e sustentar o ambiente de aprendizagem.

No que diz respeito à frequência, observou-se uma dificuldade de manutenção da presença nas rodas, especialmente em razão do período letivo de final de ano, caracterizado por exaustão entre professoras/es e participantes da área da educação. Algumas pessoas conseguiram participar apenas parcialmente das formações e, por isso, não puderam ser certificadas, conforme os critérios previamente estabelecidos do mínimo de 75% de presença.

A análise das seis edições do projeto Diálogos Inter-raciais revela um crescimento significativo em termos de alcance e engajamento ao longo do tempo, especialmente na edição mais recente de 2024, que contou com três turmas e 96 participantes. Do total de participantes, 34 completaram 100% da formação, 18 alcançaram 75% de presença e 17 participaram de metade dos encontros, demonstrando um bom índice de retenção em comparação com edições anteriores. Além disso, 27 pessoas estiveram presentes em ao menos um encontro (25%), o que mostra o interesse inicial mesmo entre quem não pôde concluir.

O alto número de participantes com frequência total ou quase total indica o fortalecimento das estratégias pedagógicas e do compromisso dos envolvidos, refletindo também a importância do apoio institucional para a ampliação e qualificação das formações. Essa edição representa, portanto, não apenas um crescimento quantitativo, mas também um amadurecimento do projeto em termos de impacto formativo. Ainda assim, os dados nos convocam a uma reflexão crítica sobre os persistentes desafios da permanência em cursos online, especialmente em contextos de formação antirracista, que exigem envolvimento emocional, tempo e disponibilidade subjetiva.

A dispersão digital, a sobrecarga de atividades e as desigualdades de acesso à internet e a ambientes de estudo adequados impactam diretamente a continuidade da participação. Embora o formato remoto amplie territorialmente o alcance das ações, ele também demanda novas metodologias de cuidado, acolhimento e acompanhamento para garantir não apenas o ingresso, mas a permanência e o pertencimento dos sujeitos nesses espaços. A experiência da 6ª edição, portanto, aponta caminhos promissores, mas para as complexidades da realidade dos(as) participantes e as condições materiais que moldam sua trajetória formativa.

EDIÇÃO	FORMATO	TURMAS	TOTAL PESSOAS	100% PRESENÇA	75% PRESENÇA	50% PRESENÇA	25% PRESENÇA
1ª (2020)	Remoto	1	39	15	5	6	13
2ª (2021.1)	Remoto	1	52	11	6	9	26
3ª (2021.2)	Remoto	1	32	2	3	9	18
4ª (2022.1)	Remoto	1	30	1	1	5	23
5ª (2022.2)	Presencial	1	14	8	0	6	0
6ª (2024)	Remoto	3	96	34	18	17	27

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação do Projeto Diálogos Inter-raciais, realizada a partir da combinação entre dados quantitativos e qualitativos, revelou impactos profundos e multifacetados na vida das pessoas participantes. As quatro dimensões avaliadas – ambiente de aprendizagem, metodologia, conteúdos e impactos – foram validadas como potentes disparadoras de consciência crítica, escuta sensível e transformação pessoal e coletiva. O ambiente seguro e respeitoso, a escuta ativa, os conteúdos acessíveis e as metodologias baseadas em arte e diálogo foram amplamente reconhecidos como diferenciais da proposta. As entrevistas complementaram essa avaliação ao trazerem à tona camadas subjetivas e emocionais da experiência, revelando como o projeto ativou memórias, deslocou certezas e fortaleceu vínculos afetivos e políticos.

As pessoas participantes destacaram não apenas o quanto foram impactadas, mas também como levaram os aprendizados para outros espaços – como escolas, grupos de pesquisa e ambientes profissionais – demonstrando o caráter multiplicador da formação.

Os produtos elaborados — guia e podcast — já estão atendendo ao propósito idealizado de possibilitar a multiplicação dos diálogos sobre os temas étnico-raciais, uma vez que vêm sendo utilizados por voluntárias para embasar a realização de rodas de conversa sobre o tema.

PRÓXIMOS PASSOS

O potencial de multiplicação da realização de rodas de conversa baseadas nos roteiros do *Guia para Rodas de Conversa* começou a se concretizar com uma edição especial realizada em fevereiro de 2025 com adolescentes do Centro de Socioeducação (Cense) Joana Richa, em Curitiba. Pela primeira vez, o projeto foi adaptado para esse público e faixa etária, exigindo ajustes metodológicos nos roteiros presentes no nosso guia e provando que o material — com pequenos ajustes — também pode ser utilizado com o público adolescente.



As quatro rodas realizadas pela voluntária Letícia Galvão, com acompanhamento de Mayumi Maciel e Thais Bonato Gomes, abordaram identidade racial, ancestralidade, lugar de fala e relacionamentos inter-raciais, incorporando práticas de desenho e escrita, com o objetivo de tornar os encontros mais lúdicos e acessíveis, sem perder a profundidade das reflexões. Essa experiência reafirmou a potência dos Diálogos também em contextos socioeducativos, e aponta para a importância de políticas públicas e educativas que integrem práticas antirracistas nos sistemas de garantia de direitos.

Como próximos passos, ainda destacamos a continuidade das ações formativas em novas frentes. Ainda em 2025, realizamos a gravação de aulas curtas no IFPR – Campus Curitiba, voltadas à formação de replicadores e replicadoras do projeto. Esse conteúdo audiovisual servirá para orientar o uso do *Guia para Rodas de Conversa*, ampliando as possibilidades de multiplicação das rodas de conversa propostas pelo projeto.

A ideia é consolidar um material pedagógico acessível, para que professoras(es), lideranças comunitárias e educadoras(es) populares possam promover suas próprias rodas inter-raciais, fortalecendo a difusão de uma educação comprometida com a justiça racial. Com base nos aprendizados desta edição, recomendamos que futuras iniciativas inter-raciais priorizem:

- 🐦 A escuta ativa e metodologias participativas centradas nos afetos e vivências;
- 🐦 A articulação entre arte, memória e identidade como ferramentas pedagógicas;
- 🐦 A inclusão de públicos diversos, com especial atenção a contextos vulnerabilizados, como interiores do país e periferias urbanas;
- 🐦 O investimento em formação de replicadores(as), com apoio institucional e materiais de base acessíveis;
- 🐦 A valorização da interseccionalidade como princípio formativo e ético-político.

O Diálogos Inter-raciais segue, assim, como uma proposta viva, em constante movimento e expansão, reafirmando o compromisso do Instituto Aurora com a construção de uma sociedade mais justa, antirracista e plural.

AGRADECIMENTOS

Abrimos esta seção de agradecimentos, reconhecendo Ester Athanásio como um elo importante nesta edição de 2024 do Diálogos Inter-raciais, na figura de proponente do projeto à instituição financiadora. Obrigada por querer construir junto com a gente futuros mais justos!

Nosso especial reconhecimento à Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, cujo apoio financeiro trouxe fôlego à equipe executora originária do Diálogos Inter-raciais, permitindo a contratação de profissionais que vieram somar, aprimorando o projeto e implementando a ampliação do seu alcance.

Agradecemos ainda ao Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba, parceiro originário do projeto, especialmente na figura da profa. Patricia Meyer, que tem sustentado, lado a lado com o Instituto Aurora, essa caminhada com afeto, escuta e compromisso com a educação em Direitos Humanos.

Por fim, nosso mais profundo agradecimento às pessoas que participaram das rodas de conversa. Suas palavras, escutas, vivências e afetos foram os fios que bordaram este espaço de construção coletiva. Cada contribuição ressoou como um gesto de coragem, participação e resistência. Que essas trocas sigam ecoando em outras rodas, outras histórias e outras lutas.